

# POEMAS DE SAMELLY XAVIER

## A má fama dos poetas

Só um não-poeta diz o que é ser poeta.  
Um poeta se assusta quando assim o chamam.  
Palavrinha besta, estéril, muito desgastada.  
Um sonhador, um avoadado, um contador de estrelas fáceis.

Só um não-poeta sabe, de fato, o que é ser poeta.  
Um poeta que é poeta se amedronta com esse nome.  
Matéria prima de seu work: word.  
(Oh, God!, Make the wor(l)d and the wor(l)d made itself)

Só um não-poeta teoriza sobre o fatigado poeta  
Um poeta de verdade está ocupado em ser poeta, não cria teorias.  
O eterno e etéreo amor se concretiza no poeta.  
(qualquer que seja ele: o poeta, o amor...)

Só um não-poeta categoriza, classifica, caracteriza um poeta.  
Um poeta é atropelado todos os dias e ninguém vê.  
Ah, é claro, e há os que estão poetas.  
Cinco minutos de coma patético/poético que todo mundo carece/merece.

Só um não-poeta tem seus momentos de se sentir poeta.  
O desgraçado, entregue, subordinado e dependente poeta  
não consegue a impercepção necessária a manutenção da constância.  
O poeta não consegue, e nem se atreve a tentar, ser indiferente

Um poeta vê com o cheiro daquilo que é tátil.  
E se cala até que um outro poeta indescoberto

o desvende num vendido livro qualquer.

Abrem-se suas páginas e vêm a tona, novamente, suas verdades preto e branco.

### **A vida é uma gota (se de lágrima ou de mar, eu não sei).**

*“Se você me perguntasse o que mais me espanta na vida,  
é o fato de como ela passa rápido”(S.D ou M..B)*

A vida, por exemplo,  
entre não posso e não devo,  
escorre nos bueiros inventados

A vida poluída precisa se livrar de mim  
(eu preciso me livrar de mim!)

A minha vida deve ser de outro alguém,  
comprada em três vezes  
sem entrada, sem saída  
sem juro e sem juras de amor novela das oito

A vida tem de bater no meio do mar,  
Laia, laia, laia, laia.  
Ah! Se eu fosse um peixe, seria sereia.

Viver caaaaaaansa,  
Viver dá esperança.

O cansaço é um senhor cabisbaixo dizendo não posso  
A esperança é uma menininha mimada dizendo eu quero  
Viver é o intervalo, e quem espera sempre cansa.

A vida é minha carcereira e, estranhamente,  
eu tenho todas as suas chaves.

## **Adentrando**

“Dentro de nós há uma coisa sem nome.  
Essa coisa é o que somos” (José Saramago)

Dentro de mim,  
E de ti também – conforma-te  
Há uma coisa que grita, ri, silencia e chora  
Há uma coisa que explora  
E outra que consola  
Há uma coisa boba que rima bobo  
(que nem agora)

Dentro de ti há uma coisa  
que combina comigo, até quando não é preciso  
Quando não é permitido  
Nem garantido  
(Senhor Protetor das rimas pobres: valei-me)

Dentro de mim, há umas coisas...  
Anomalias anominais  
E talvez por isso  
é dentro, é só dentro de mim  
que vejo um palhaço choroso,  
uma prostituta recatada,  
um poeta insensível  
e melancólico que nas horas vagas  
destoa palavrões e finge amor por educação

Dentro de ti,  
Ah, eu lembro bem dentro de ti!  
Há uma canção que embala sonhos  
e acorda pesadelos, sem o menor compromisso  
Há uma bailarina de caixinha de música  
que me acorda, timidamente, todas manhãs  
Há, dentro de ti, tanto, tanto que não cabe  
E vem para mim no formato de fantasmas suportáveis

Então, eu e tu esvaziamos espaços  
e sem aparato, adentramos no vácuo  
para só então – em paz, em paz  
esquecermos nomes, datas, coisas  
Neste estalo, te enxergo  
e tu és. Em mim.

### **Brincando de brinquedo**

Eu não tenho vocação pra adulto  
Nem pra adolescente,  
Nem pra qualquer coisa que não pule amarelinha  
Não sei quem é Marx,  
Nem vou com a cara da palavra capitalismo  
Eu não gosto de capitais, eu adoro o interior

Não me perguntem quantas línguas eu falo  
Eu só falo a minha. E não aceito estrangeirismos  
Não me importo com príncipes encantados  
Meus castelinhos de areia continuam intactos

Não sei mentir pra impostos  
Não me sinto imposta a nada

Não tenho experiência  
E só sei sorrir porque é bom.

Tarefa de casa ou de classe é sempre tarefa  
E pra mim, primeiro o lazer, depois o trabalho  
Não me acordem, nem me digam de que horas dormir  
Se é pra sonhar, eu sonho,  
e não me responsabilizo por conseqüências

Joguei fora os esparadrapos do coração  
Volto a chorar as ardências nos joelhos  
e é claro: não mando o dinheiro se fuder  
porque palavrão é pecado

Cansei de ser boneca, fantoche, casinha, papai e mamãe  
me resumo a expansão  
antes cedo do que tarde  
e nesta vida tudo que quero é um sorvete de chocolate

## **Conto sem fadas**

*Para meu SER*

Era uma vez uma menina já velhinha  
que um belo dia, andando de salto alto pelo bosque-vida  
afundou em terras inférteis.  
Os lobos, todos maus, são lobos do homem  
e riram dela até caírem seus dentes podres.  
Se não fosse a fada-mãe (a madrinha estava muito ocupada),  
ela estaria lá até agora.

A menina encheu de lágrimas a cestinha que carregava

“Pra que tanto lobo, meu Deus, pergunta meu coração  
porém meus olhos só fazem chorar”.

Ela não entendia porque passarinhos – tão livres –  
deram de comer logo seus pedacinhos de pão marcadores de caminho  
Apelou para as pedras, mas elas cresceram,  
cresceram  
e cresceram num país sem maravilhas  
e viraram rochas reveladoras de labirintos.

A menina, coitada, não sabia muito de nada  
Não engolia que preferissem comê-la a saboreá-la  
E por isso, deixou revoltada a madrasta:  
preferiu Mc Donald com batata frita à maçã envenenada  
Resultado: a menina fez plástica e a madrasta quebrou o espelho mágico  
(sete vezes sete anos de azar, sem perdão).

A menina vivia cansada.  
Se fosse só sete era bom, mas ela conhecia tanta gente de raciocínio anão  
que cansava  
Bruxas eram tantas, sempre disfarçadas com sorrisos enfadonhos  
Tinham tanto perfume e tanto “bom dia, querida” que cansava  
Ela ia sempre pela estrada afora levando doces pra vovozinha,  
conselhos pras irmãzinhas,  
um copo d’água pras visitinhas que cansava  
Fazia feitos des-heróicos  
que cediam espaço para feitiços alheios.  
Por tudo isso cansava de cansar, tadinha!

E por praga inafiançável do pior bruxo de todos, o Tempo  
ela dormiria tantos anos quanto solidão sentisse.  
Assim foi, até que um dia (nem belo, nem feio – inexpressivo)  
um sapo gasguita veio acordá-la aos gritos

anunciando a chegada do seu príncipe que por sorte era hetero e fiel  
Encantador também era,  
sem cavalo nem bicicleta  
lhe tomou num abraço-abrigo inesperado  
e, em seguida, num beijo matinal, arco-íris despertador  
Foram embora. Foram felizes.  
Se pra sempre não nos contaram, mas sem dúvida, gratuitamente.

### **Rastros de mim**

Por onde eu vou, eu deixo rastros  
Riscos n'água em alma alheia  
Risos fartos de intenção benevolente

Por onde eu vou eu deixo pedaços  
De mim, dos outros, restos de astros  
Incandescentes e inconstantes

Por onde eu vou eu me deixo pasto  
Rasteira, gata borracheira  
presente em sapatos apertados

Por onde eu vou eu me deixo  
Me entrego à domicílio  
Não me aceito em devoluções

Por onde eu vou eu não me acho  
E se me acharem, bem, se me acharem...  
Não há recompensas pra quem me achar

Por onde eu vou?  
A pergunta é:

Por  
Onde  
Eu  
Vou?

Eu vou, eu vou, ao/por teu encontro,  
agora eu vou...

Não me incomodo!  
A estrada é toda tua,  
mas os rastros são sempre meus

**Samelly Xavier (Paraíba)**

[simplesmentesamelly@yahoo.com.br](mailto:simplesmentesamelly@yahoo.com.br)

Poeta com três coletâneas de poemas publicados. Os poemas escolhidos  
foram retirados do seu último livro: ETC.